

O que vou beber?

O Redoma Branco da Niepoort

O Redoma é um dos primeiros grandes vinhos brancos do Douro. O Douro só tardiamente se dedicou aos vinhos tranquilos, ou de mesa, como vulgarmente são conhecidos por não terem gás carbónico nem serem fortificados com álcool ou açúcar. Ou, para ser mais verdadeiro, o Douro demorou a comercializar e a tornar conhecidos estes vinhos que sempre se fizeram pela produção local. E, quando o fizeram, como é natural, apostaram essencialmente nas castas tintas. Por isso, os brancos são menos profusos e mais recentes no Douro. Lembro-me, no tempo do meu pai, do seu grupo de amigos concordar em dizer que brancos é no Dão e tintos é no Douro. Hoje seria uma heresia, mas todos sabemos o quanto o terroir, o clima, a cul-

tura e o contexto fazem pelo perfil dos vinhos. E, naquela altura, talvez esta simplificação tivesse alguma coisa de verdadeira. O Redoma é um vinho feito para apreciadores de vinho branco. Feito num terroir de micaxisto e a uma altitude de 500–600 metros, o Redoma é, depois de feito e prensado, deixado a estagiar 8 meses em barrica de carvalho francês. É, também por isso, um vinho complexo, que temos de insistir em conhecer. Com uma boca cheia, o vinho parece quase austero, mas é, ao mesmo tempo, fresco e jovial, com aromas cítricos e florais e uma persistência longa e sedosa na boca. Um vinho feito claramente para evoluir em garrafa, tão serenamente como nasceu naquelas vinhas velhas que lhe dão o carácter. Grande vinho branco, sempre, de uma casa que continua a homenagear o Douro como ele merece.



O que conhecer?

Bagos D'Ouro

Há já 15 anos, fundou-se em Portugal uma instituição chamada Bagos D'Ouro, dedicada a apoiar crianças e adolescentes na sua educação e formação, e na futura integração na vida ativa. E o chão onde atuam é o chão do Douro, onde o excesso de natureza namora com a precariedade das condições de vida, onde os jovens, tantas vezes, não têm sequer a oportunidade de singrar. Assim, a Bagos D'Ouro não dá o peixe, e

por vezes nem a cana, mas, sensatamente..., ensina a pescar. A atuação da associação alargou-se a mais concelhos, sempre fugindo das zonas mais urbanas e ricas, onde a necessidade é certamente menor. Ouvimos o testemunho de muitos jovens beneficiados pela Bagos D'Ouro e enterneceu-nos aquele brilho nos olhos, quando falavam com verdadeiro sentido de pertença da associação que lhes ensinou a palavra cuidar. O evento foi no Clube Inglês do Porto, e eu fui convocado por uma querida amiga, a Joana Cudell, que é uma das ins-

piradoras da instituição. O Clube Inglês continua soberbo naquelas quase impossíveis instalações, com a imensidão daquele espaço verde no centro mais centro da cidade. Será prosaico falar aqui pormenorizadamente do jantar, mas foi magnífico – há muito que não comia umas entradas de tão boa confeção. E dos vinhos oferecidos, simpaticamente, pela Niepoort. No final, cada um tinha uma carta de alguém. Eu tinha a do Jaime, cuja história de vida me sensibilizou. E a quem, claro, tenho de saber ajudar a cuidar.



Viagens a outras terras

A Basílica da Estrela

A Basílica da Estrela é a primeira igreja no mundo a ser dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Foi D. Maria I, que, por causa de uma doença demencial, ficou conhecida por “A Louca”, que a mandou construir, em agradecimento pelo nascimento de seu filho José, que, ironicamente, viria a morrer de varíola, ainda a igreja não tinha sido inaugurada. Para além de D. Pedro IV, imperador do Brasil, D. Maria I é a única monarca da dinastia de Bragança que não está sepultada no Panteão Nacional, mas antes nesta sumptuosa Basílica da Estrela. A construção do século XVIII é da responsabilidade da notável Escola de Mafra, e os dois tor-



reões da fachada principal dão ao conjunto o ar, ao mesmo tempo, elegante e sumptuoso que a basílica detém. Famosa pelas suas estátuas de Machado de Castro e seus pupilos – a de S. João da Cruz é simplesmente admirável –, a Basílica merece que os portugueses a conheçam melhor. Recentemente, no aniversário dos 30 anos de S.A.R., os Duques de Bragança, representantes legítimos da Casa Real Portuguesa, tive oportunidade de me maravilhar com o interior muito rico da igreja, mas também com os seus claustros airosos, onde foi servido um Porto de Honra. O Sagrado Coração de Jesus está, de facto, presente nesta basílica, que deveria ter consagrado para a História D. Maria I como “A Visionária” e não, infelizmente, conhecida pela doença que teve na sua velhice.